

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
UNIDADE ACADÊMICA DE PSICOLOGIA**

**DESDE FREUD, O DESAMPARO: OS USOS DO TERMO E A
CONSTRUÇÃO DO CONCEITO**

LUIZ ALVES DA SILVA JUNIOR

CAMPINA GRANDE – PB

2016

LUIZ ALVES DA SILVA JUNIOR

Trabalho apresentado à Unidade Acadêmica de Psicologia do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade Federal de Campina Grande/PB em cumprimento às exigências para obtenção do título de Bacharel em Psicologia sob orientação do Professor Francisco Felipe Paiva Fernandes.

CAMPINA GRANDE – PB

2016

**Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Setorial “Tereza Brasileiro
Silva”- UFCG**

S725m

Silva Junior, Luiz Alves da.

Desde Freud, o desamparo: os usos do termo e a construção do conceito / Luiz
Alves da Silva Junior. – Campina Grande, PB: O autor, 2016.

22 f. 21 x 27,9 cm

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade
Federal de Campina Grande, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde.

Referências.

Orientador: Francisco Felipe Paiva Fernandes.

I. Desamparo. 2.Termo. 3.Conceito. I. Fernandes, Francisco Felipe Paiva
(Orientador). II. Título.

BSTBS/CCBS/UFCG

CDU 159.964 (813.3)

LUIZ ALVES DA SILVA JUNIOR

**DESDE FREUD, O DESAMPARO: OS USOS DO TERMO E A
CONSTRUÇÃO DO CONCEITO**

APROVADO EM: 21/05/2016

NOTA: 10,00

BANCA EXAMINADORA



Prof. Francisco Felipe Paiva Fernandes

Universidade Federal de Campina Grande - UFCG

Orientador



Prof. Ms. Tiago Iwasawa Neves

Universidade Federal de Campina Grande - UFCG

Examinador



Prof. Dr. Ednaundo de Oliveira Gaudêncio

Universidade Federal de Campina Grande - UFCG

Examinador

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu pai e minha mãe, Luiz e Socorro, e aos meus irmãos, Lidiane e Lucas, pessoas às quais também dedico minha vida.

AGRADECIMENTOS

Sou extremamente grato pela oportunidade de em todo esse caminho de graduação até aqui, ter vivenciado experiências com pessoas que me afetaram de maneiras tão distintas e tão fortes. São essas pessoas que carrego agora comigo, são essas que já fazem parte da minha vida, a essas a minha sincera gratidão e os meus melhores desejos.

RESUMO

Este artigo objetiva promover uma investigação acerca dos usos do termo desamparo e a construção de seu conceito ao longo da obra do psicanalista austríaco Sigmund Freud. Para isso, identificaremos a presença do termo e dos seus correlacionados nos escritos freudianos, pontuando os momentos e compreendendo as articulações da concepção e apreensão do desamparo ao longo de seu percurso teórico e clínico. O presente trabalho tem por interesse central versar a respeito da construção do conceito de desamparo e como o mesmo se estabelece no arcabouço de saber da Psicanálise.

Palavras-chave: Desamparo. Termo. Conceito.

ABSTRACT

This article aims to promote a research about the uses of the term helplessness and the construction of its concept through the Austrian psychoanalyst Sigmund Freud's work. For that, we will identify the presence of the word and its correlated in the Freudian writings, punctuating the times and understanding the joints of the conception and apprehension of helplessness over his theoretical and clinical course. The main interest of this work is to discuss the construction of the concept of helplessness and how it is established in the framework of knowledge of psychoanalysis.

Keywords: Helplessness. Term. Concept.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. DESDE FREUD, O DESAMPARO.....	9
3. CONCLUSÃO.....	20
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	22

1. INTRODUÇÃO

Com referência à distribuição dos destinos, persistia a desagradável suspeita de que a perplexidade e o desamparo da raça humana não podiam ser remediados. (FREUD, 1927, p.29)

A elaboração do termo desamparo, suas utilizações e modulações, remontam o esforço de Freud na construção e implementação do arcabouço teórico e clínico da Psicanálise ao longo de sua vida. Diante disso, este artigo tem por interesse realizar uma investigação acerca da constituição do *desamparo* e suas articulações conceituais e clínicas. Para tal tarefa, retomaremos a obra freudiana, guiados a partir da identificação e do sentido dos usos da palavra “desamparo”, tendo por objetivo o reconhecimento da trama que envolve a forja deste conceito, e como este se estabeleceria como tal.

O verbo “amparar” em português descenderia, em sua compreensão mais consensual, do termo em latim *Anteparus*, que significa “preparar antes, dispor de antemão” – fruto da união entre *ante* “antes, à frente” e *parare* “aprontar, munir-se do que é necessário”. Pereira (2000) remonta a construção etimológica de “amparar”, considerando o uso de outro termo latino *Imparare*, que em italiano seria equivalente ao verbo “aprender”, sentido que em português teria sido desviado, com o efeito no uso de “amparar” como sendo fornecer proteção àquilo ao qual se tem posse. Por conseguinte, na palavra “desamparo” perderíamos a ideia de posse, e mais comumente a conceberíamos pelo significado de “desproteção”.

A utilização do prefixo “des”, *ex* em latim, proveria a palavra sua ação contrária, sua negativa, sua privação. Considerando a apropriação do verbo “amparar” por suas principais acepções, a saber: ajudar, auxiliar, acolher, apoiar, assistir, contribuir, socorrer, resguardar, sustentar, preservar, nutrir, aguentar, suportar, defender, favorecer, prover, guiar, alentar; diante disto, é possível tomarmos “desamparo”, em sua melhor forma à princípio, essencialmente enquanto a ausência de amparo.

Ausência esta, que evidencia a origem do termo desamparo em Freud e a nossa tentativa de aproximação, do alemão *Hilflosigkeit*, composto pelo substantivo “*Hilfe*” que significa auxílio, ajuda, proteção, amparo; seguido do sufixo adverbial modal “*losig*” que indica carência, falta de; e por fim “*keit*”, que corresponderia em português à terminação sufixal “*dade*”. Ou seja, uma experiência de desamparo estaria relacionada com: estar sem ajuda, sem auxílio, com falta de proteção.

Freud associa o *desamparo* inicialmente a experiência de um recém-nascido humano, um ser ainda prematuro, incapaz de satisfazer sozinho as suas necessidades de sobrevivência, diferentemente da maioria dos outros animais. Convencionava-se a partir dessa ideia as principais definições didáticas do termo, como no *Vocabulário da Psicanálise* (1994):

Termo da linguagem comum que assume um sentido específico na teoria freudiana. Estado do lactante, que dependendo inteiramente de outrem para a satisfação das suas necessidades (sede, fome), é impotente para realizar a ação específica adequada para pôr fim à tensão interna. Para o adulto, o estado desamparo é o protótipo da situação traumática geradora de angústia. (LAPLANCHE; PONTALIS, 1994, p.39)

Entretanto, as ênfases ao *desamparo* no esforço de elaboração freudiano orbitam por diferentes aspectos ao longo de sua construção. Seria possível partir de duas dimensões principais como nos aponta Macêdo (2012) uma erótica e sexual, compreendida entre 1893 e 1917, primeiramente postulada no “*Projeto para uma psicologia científica*” (1895) onde o *desamparo* aparece como a origem de todos os motivos morais, culminando em “*A Interpretação dos sonhos*” (1900) com a associação do mesmo à falta de uma vivência de satisfação; mas é só posteriormente, e até poderia se dizer um pouco tardiamente, que em vias de um desdobramento mais concreto, que com “*Inibições, sintomas e ansiedade*” (1926) uma segunda dimensão é inaugurada, logo quando o Eu passa a ser a sede própria da angústia e o *desamparo* é articulado como sua mola mestra. E é desta articulação mais profícua, que a compreensão freudiana acerca da cultura ganha pujança e complexidade, como em “*Futuro de uma ilusão*” (1927), onde o *desamparo* é assumido enquanto condição de existência, e logo após em o “*Mal-estar na Civilização*” (1930), Freud desenvolve o que vem à ser um de seus textos mais basilares, e possivelmente o de maior contribuição do saber psicanalítico ao campo social e político, que evidencia um *mal-estar* constitutivo a existência em sociedade, às voltas com a renúncia pulsional civilizatória e em todas as tentativas de reparação do *desamparo*.

2. DESDE FREUD, O DESAMPARO

No primeiro volume da *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (1977), um texto abriga o emprego, em sua primeira faceta na obra freudiana, de um verbo muito caro a Psicanálise. Nomeado de *Um caso de cura pelo hipnotismo* (1892-93), artigo de ligação entre os escritos acerca do uso do hipnotismo e as

questões da histeria, Freud aborda a questão da *contravontade*, essa que seria um produto da exaustão histérica. Para isso, faz uso do termo “desamparada”, particípio passado do verbo “desamparar”, que em sua forma canônica no presente do indicativo, “desamparo”, é uma das principais articulações teóricas da égide psicanalítica.

No presente artigo em questão, os histéricos estariam “desamparados” frente as suas ideias, seriam vítimas de si próprios, pelo caráter antitético de seu fazer, agindo em oposição à sua vontade, uma *contravontade*. Descreve Freud:

Essa emergência de uma *contravontade* é predominantemente responsável pela característica demoníaca tão freqüentemente mostrada pela histeria - isto é, a característica de os pacientes serem incapazes de fazer alguma coisa precisamente quando e onde mais ardentemente desejam fazê-la; de fazerem justamente o oposto daquilo que lhes foi solicitado; e de serem obrigados a cobrir de maus-tratos e suspeitas tudo o que mais valorizam. A perversidade de caráter que os histéricos mostram, sua ânsia de fazerem a coisa errada, de parecerem doentes quando mais necessitam estar bem - as compulsões dessa ordem (como as conhece todo aquele que já teve contacto com esses pacientes) muitas vezes podem comprometer os caracteres mais irrepreensíveis, quando, durante algum período, esses pacientes se tornam vítimas desamparadas de suas idéias antitéticas. (FREUD, 1892,93, p. 183)

Em *Um caso de cura pelo hipnotismo* (1892-93), o termo “desamparada” é a primeira aparição de um correlato a palavra “desamparo” nos escritos de Freud, e aqui há de se identificar o caráter despretensioso da utilização, ainda totalmente dessubstancializado de sua forma mais concreta, entretanto podendo já ser lido em seu sentido potencial, de incapacidade.

Palavra e conceito de desamparo são apreendidos de diversas formas pelos psicanalistas, e na tradição freudiana assumiu papéis operatórios e teóricos, além de ter atravessado profundas transformações de suas funções gramaticais e morfológicas. O uso por Freud do termo desamparo e suas flexões é bastante precoce, tendo sido enunciado já em seus primeiros artigos. Como constata Birman (1999) a palavra desamparo tem sua aplicação inicial sob o modo adjetivo, como neste texto em questão, o termo “desamparada” provem uma característica para as vítimas da histeria, as mesmas não possuiriam “amparo” para lidar com suas ideias antitéticas, estariam em situação de sem ajuda frente a elas.

Em o *Projeto para uma psicologia científica* (1895), Freud empenha-se na criação de o que mais tardar viria tomar a forma de sua compreensão acerca da constituição psíquica, aqui ainda por vias de um funcionamento neuronal do aparelho psíquico, uma espécie de metáfora biológica. O *Projeto* não fora publicado em sua época, arriscar-se-ia inferir por ainda tratar-se de um prólogo inacabado, um esboço que seria melhor tratado em um futuro

próximo, o mesmo só viria a público postumamente ao próprio Freud, no início da década de 50.

Como intitulado, o *Projeto para uma psicologia científica* tenta dar conta da estruturação de um princípio básico para a atividade neuronal, em consonância com suas observações clínicas da época, acerca da histeria e das obsessões, assim pavimentando de cientificidade o terreno arenoso da Psicologia do fim do século XIX. A árdua tarefa que Freud toma pra si, diz respeito à apropriação da Psicologia como uma ciência natural, o desafio de dotar os processos psíquicos com determinantes quantificáveis, a fim de eliminar as contradições implícitas em sua apreensão. Sob os préstimos da física newtoniana, Freud postula a concepção de inércia neuronal, onde o sistema nervoso seria responsável por neutralizar a quantidade de energia advinda do mundo externo em seu aparelho psíquico, através de um movimento reflexo biológico efetivado por descarga motora, que eliminaria assim o estímulo inicial.

A eliminação de um estímulo inicial exógeno é pontuada como função primária do sistema nervoso, mas como nos aponta Freud (1895) na proporção que aumenta a complexidade interior do organismo, o sistema nervoso recebe estímulos do próprio elemento somático – os estímulos endógenos, que também necessitam de descarga. Esses estímulos são produzidos pelo próprio metabolismo orgânico, dessa vez diferenciando-se dos estímulos externos, por não poderem ser esquivados da excitação. Neste determinado momento parece advir algo que extrapola a fuga da excitação, e funda o que estaria para além de um princípio da inércia.

Portanto, diante deste novo arranjo de estímulos, nenhuma descarga seria capaz de se realizar totalmente, pois sua fonte endógena não cessa e cria grandes necessidades de descarga, como a respiração e a sexualidade. Para a realização destas, condições devem ser realizadas a partir do mundo externo, e o sistema nervoso abandona a tendência a inércia. Agora não mais far-se-ia uma descarga de energia ao nível zero, seria preciso manter o menor nível possível de energia no interior do aparelho psíquico, evitando maiores oscilações, ao modo de uma constância, o que possibilitaria a realização de uma *ação específica* que lhe é exterior como, por exemplo, a nutrição seria uma *ação específica* de um outro, para uma *exigência de vida* que os seres humanos em sua tenra infância são inábeis, incapazes sem *ajuda alheia*. Nas palavras de Freud (1895):

Nesse caso, o estímulo só é passível de ser abolido por meio de uma intervenção que suspenda provisoriamente a descarga de Q no interior do corpo; e uma intervenção dessa ordem requer a alteração no mundo externo (fornecimento de víveres, aproximação do objeto sexual), que, como *ação específica*, só pode ser promovida de determinadas maneiras. (FREUD, 1895, p.421-422)

Não obstante, ao deparar-se com a vida extrauterina, realizar suas primeiras descargas reflexivas advindas de estímulos do mundo externo, e em seguida ter sendo produzida em sua própria fonte somática uma energia da qual só poderá realizar uma descarga, agora mesmo que não total, através de uma *ação específica* impossível aos seus recursos, o ser está diante de algo que lhe é alheio.

(...) essa ação específica. Ela se efetua por *ajuda alheia*, quando a atenção de uma pessoa experiente é voltada para um estado infantil por descarga através da via de alteração interna. Essa via de descarga adquire, assim, a importantíssima função secundária da comunicação (...) (FREUD, 1895, p.422)

Por essa via de descarga, o ser desamparado por seu estado infantil, ao ter seu estímulo lido por outro semelhante detentor de maior experiência, entra no campo da fala, mesmo não a possuindo, como num balbucio de choro ou grito. Fala que passará a ser endereçada a um outro, a partir do momento que as ações alheias específicas deste outro, parecerem cumprir e suprir as condições necessárias para a eliminação do estímulo endógeno, causando satisfação ao infante desamparado. A comunicação, precária já desde sua origem, aqui articulada como presumível pedido e provável resposta, inaugura uma agência, um protótipo da fonte do interesse de um semelhante a outro, ambos atravessados pela linguagem, embora que em diferentes níveis.

A função secundária, acima descrita, desvela uma incapacidade constituinte da gênese biológica humana, em suprir de maneira autônoma suas necessidades vitais. O ser humano estaria assim aquém das exigências necessárias a manutenção de sua existência. De forma contundente, julga-se imprescindível marcar o investimento freudiano na ideia de que a espécie humana demanda amparo a um outro, e está substancialmente em posição de desamparo frente ao seu meio, justamente por sua incapacidade em controlá-lo.

É de fundamental importância circunscrever a criação de um novo estatuto para o termo desamparo, que antes aparecia como um adjetivo desprezioso em sua obra, e agora é preconizado por Freud como “(...) a fonte primordial de todos os motivos morais.” (FREUD, 1985, p. 422)

Partindo das ideias de funcionamento do aparelho psíquico no *Projeto*, e mais precisamente na grande guinada a seguir, no ponto em que Freud abandona a linguagem naturalista e inaugura a concepção metapsicológica em *A interpretação dos sonhos* (1900), o *desamparo* associa-se a falta de uma *vivência de satisfação*, é aqui que poderíamos começar a traçar o segundo ponto de um fio condutor para a construção do termo e de sua conceituação na obra freudiana, sob a clara ressalva de não estarmos interessados meramente na descoberta de um registro conceitual do *desamparo*, mas sim em seu caminho de constituição e nos seus desdobramentos epistemológicos.

Sigamos a mais profundo em *A interpretação dos sonhos* (1900), a primeira experiência de satisfação funda uma marca que não se apaga – a *imagem mnêmica* – como nos explica Freud, que na função primária do aparelho reflexo, descarregava-se toda a excitação por via motora, mas com a interferência das *exigências de vida* essa função é complexificada sob a forma de grandes necessidades somáticas e internas. Agora, as excitações buscam descarga através de uma modificação interna – o bebê faminto grita e chora, mas a situação permanece inalterada, pois sua modificação interna não é movida apenas por um impacto momentâneo, mas por uma força que está continuamente em ação. Dessa maneira, o estímulo interno só cessaria através de um auxílio externo, como no exemplo do bebê faminto, estaria sua nutrição por parte de um outro. Essa *vivência de satisfação*, gerada a partir da percepção de nutrição pelo bebê, cria o traço mnêmico, uma imagem de excitação produzida pela necessidade. Quando na próxima vez que esta necessidade for despertada novamente, surgirá uma moção psíquica que procurará reevocar a imagem de satisfação original – tomemos essa moção por *desejo*, e a falta de sua *vivência de satisfação*, pelo o que seria aqui da ordem de um desamparo psíquico.

Doravante, o termo desamparo é conduzido auxiliando principalmente a descrição freudiana, agora por duas perspectivas principais – a saber, uma biológica representada na ideia de estados como: incapacidade, despreparo, estar sem ajuda, estar à mercê – ligados a prematuração e a situação primordial do infante. E outra, a dimensão psíquica – associado à algumas sensações e sentimentos, como: dependência, invalidez, embaraço, estranheza, impotência, fadado a impossibilidade de satisfação da sua necessidade – associado a falta de uma *vivência de satisfação*.

Essas duas perspectivas só vêm a ser melhor tratadas a partir dos anos 20, com o abandono do *modelo vitalista*, pelo qual uma força vital interna estaria em contraponto com

uma irritabilidade externa, característica essa inerente a toda matéria orgânica, onde no psiquismo a regulação sexual estaria enquanto meio para o equilíbrio homeostático de adaptação do ser ao mundo externo, ideias apoiadas desde os primórdios em Freud. Com o abandono destas, essa força vital passa a ser habitada pelo outro, no sentido em que o outro é o único que poderia inscrever um registro de ordem da vida no infante, este ser marcado por sua insuficiência abissal, o seu fundo amorfo de morte (Birman, 1999).

Portanto, estamos diante de um salto epistemológico fundado por algo que se estrutura *Para além do princípio do prazer* (Freud, 1920), texto onde é introduzida a ideia de *instintos de morte* – tomados aqui, por *pulsão de morte*, tradução mais adequada do termo em alemão *trieb*.

(...) a hipótese de que os processos vitais do indivíduo levam, por razões internas, a uma abolição das tensões químicas, isto é, à morte, ao passo que a união com a substância viva de um indivíduo diferente aumenta essas tensões, introduzindo o que pode ser descrito como novas ‘diferenças vitais’, que devem então ser vividas. Com referência a essa dessemelhança, naturalmente tem de haver um ou mais pontos ótimos. A tendência dominante da vida mental e, talvez, da vida nervosa em geral, é o esforço para reduzir, para manter constante ou para remover a tensão interna devida aos estímulos (...) e o reconhecimento desse fato constitui uma de nossas mais fortes razões para acreditar na existência dos instintos de morte. (FREUD, 1920, p.76)

Eros, os *instintos de vida* e a partir de agora a *pulsão de morte* seriam determinantes inerentes à substância viva, expressão de uma inércia ou elasticidade do que é orgânico, ambas agindo uma contra outra desde a origem da vida (Freud, 1920).

O estabelecimento de um salto epistemológico para o ano de 1920, se dá por reconhecer a *pulsão de morte* como elemento conceitual fundamental da malha freudiana, e conseqüentemente na tessitura do *desamparo*, elemento tão radical que pode ser considerado como ponto de partida de uma nova fase da Psicanálise, principalmente em relação a concepção de indivíduo que subjaz a clínica e à teoria que a sustenta, outorgando à Freud um lugar de extrema importância no terreno da Antropologia (Mezan, 1981).

Todavia, a primeira incursão freudiana mais concreta ao saber sociológico e antropológico teria já se dado em *Totem e tabu* (1913), texto que discorre acerca de gênese da moralidade e da relação entre lei e desejo, partindo da proibição do incesto. E é agora que através da *pulsão de morte*, neste novo momento de início da década de 20, que Freud mais uma vez volta seu olhar pro social, dessa vez em *Psicologia das massa e análise do eu* (1921)

onde debruça-se a explicar o comportamento individual no contexto grupal e a origem de nosso instinto gregário.

Entretanto, é somente a partir da segunda metade da década que Freud consolida suas maiores contribuições acerca da compreensão da cultura, em seus estudos que dedicar-se-iam as religiões e o processo civilizatório. Notadamente, esse processo inicia-se pela fresta aberta em sua segunda teoria da angústia e a retomada da questão do *desamparo*. Em *Inibições, sintomas e ansiedade* (1926), o desamparo primordial volta à tona sob o signo dos perigos do mundo externo em contrapartida a prematuração do infante.

Sua existência intra-uterina parece ser curta em comparação com a da maior parte dos animais, sendo lançado ao mundo num estado menos acabado. Como resultado, a influência do mundo externo real sobre ele é intensificada e uma diferenciação inicial entre o ego e o id é promovida. Além disso, os perigos do mundo externo têm maior importância para ele, de modo que o valor do objeto que pode somente protegê-lo contra eles e tomar o lugar da sua antiga vida intra-uterina é enormemente aumentado. O fator biológico, então, estabelece as primeiras situações de perigo e cria a necessidade de ser amado que acompanhará a criança durante o resto de sua vida. (FREUD, 1926, p. 96)

O desamparo biológico e o psíquico seriam símiles, o primeiro conjugado a algo como a condição natural de nossa espécie, e o segundo desenvolvido após a primeira experiência de satisfação, em resposta a possibilidade de falta dela, o desprazer, o que seria uma imagem da própria percepção de sua condição biológica. Para a criança, a perturbação econômica de estímulos que não podem ser dominados ou descarregados, proporciona uma angústia semelhante ao seu nascimento, uma experiência de perigo de não satisfação. A partir do momento que um objeto perceptível externo à ela pode pôr fim a essa experiência de perigo, a situação econômica do perigo é deslocada para a condição que determina a experiência, a ausência do objeto, sua perda (Freud, 1926).

A angústia surgiria primeiramente como perigo de não satisfação de uma necessidade que é inerme à criança, sentida como um aumento de tensão que a mesma não consegue dominar a eliminação. Já em sua segunda teoria da angústia, desenvolvida no texto em questão, Freud trata de uma angústia que é repetida como o protótipo da situação traumática, que é essa primeira angústia sentida ao nascer. O Eu repetiria o *trauma* de forma ativa, com intensão de dirigir seu curso, mesmo que em uma versão enfraquecida da experiência passiva do desamparo primordial. Agora a angústia seria compreendida enquanto a reação original ao desamparo do *trauma*, sendo reproduzida como um sinal de perigo, um sinal em busca de amparo.

Portanto, primeiramente o salto promovido pelo abandono do *modelo vitalista*, e em seguida, a fresta aberta pela segunda teoria da angústia, parecem elucidar um movimento constante do ser humano em face ao espectro de desamparo até aqui forjado. O fundo amorfo de morte e a iminência do desprazer convidá-lo-iam a um investimento de vida, um pedido de socorro, a evitação de uma situação de perigo, uma tentativa de reparação de algo que insistiria em se inscrever.

As forças da natureza que se erguem contra nós, desvelam nosso desamparo fundante, insuportável. O *Destino* que se impõe implacável, é a continuação de nosso protótipo infantil, como na tenra infância precisamos da *ajuda alheia* de um símile com maior experiência, maior poder, aqui repousa todo o nosso esforço civilizatório.

(...) a humanização da natureza. De forças e destinos impessoais ninguém pode aproximar-se; permanecem eternamente distantes. Contudo, se nos elementos se enfiarem paixões da mesma forma que em nossas próprias almas, se a própria morte não for algo espontâneo, mas o ato violento de uma Vontade maligna, se tudo na natureza forem Seres à nossa volta, do mesmo tipo que conhecemos em nossa própria sociedade, então poderemos respirar livremente, sentir-nos em casa no sobrenatural e lidar com nossa insensata ansiedade através de meios psíquicos. Talvez ainda nos achemos indefesos, mas não mais desamparadamente paralisados; pelo menos, podemos reagir (FREUD, 1927, p. 28).

Destino seria a nomeação freudiana dessa força que nos inflige, que nos domina, a qual não conseguimos controlar, o poder superior da natureza que nos modifica internamente e nos afeta, e nos coloca em um estado permanente de ansiosa expectativa. Em contrapartida a essa situação, temos algo que foge à realidade, e conseqüentemente está fora da experiência. É o desejo de ser amparado que funda a crença na ilusão do amparo, a tentativa de reparação do *desamparo* é uma ilusão, não necessariamente por induzir a um erro, mas por estar alocada no desejo primordial de amparar-se diante do majestoso, cruel e inexorável *Destino*. Perante o presente certame, qual seria *O futuro de uma ilusão* (1927) como essa? A religião, Freud nos responde.

Entendamos que na tenra infância a mãe seria quem satisfaria todas as necessidades do infante, tornando-se assim seu primeiro objeto amoroso, e logo, a primeira capaz de protegê-lo dos perigos do mundo externo, sua primeira proteção contra a *angústia*. Logo após, o pai seria a segunda pessoa a assumir essa função, e a ocuparia definitivamente até o final da infância da criança, mesmo ele próprio constituindo um perigo provável para ela.

Suspeitaria Freud que, por conta do relacionamento anterior estabelecido do pai da criança com sua mãe, a mesma teria para com seu pai uma relação de ambivalência peculiar,

ao tempo que o teme, também o anseia e o admira. Estaria aqui, neste complexo paterno, ancorada a gênese das religiões e da figura de um deus – ao longo do seu desenvolvimento o indivíduo ao perceber-se em contínua situação de desproteção frente aos poderes superiores externos que o rodeiam, proveria esses poderes de características humanas, tal como um pai. Figura paterna da qual teme, e ao mesmo tempo que lhe dá proteção, atuando como um provedor de amparo a sua condição primordial, a debilidade carregada desde o nascer, o seu *desamparo* (Freud, 1927).

Percebamos que o desamparo infantil continua a se inscrever no adulto, incessante o mesmo agora não é mais apenas a repetição de um protótipo de estado primordial, o *desamparo* é experienciado como condição própria a existência humana. É na passagem da posição de estado para o lugar de condição, que o *desamparo* ganha sua primeira autonomia teórica, não que antes não fora dotado de uma ideia original, ou tivesse função meramente complementar, mas é deste ponto que podemos melhor vislumbrá-lo e dotá-lo de maior sentido.

Assim sendo, os esforços humanos estariam voltados para que a condição existencial do *desamparo* possa tornar-se suportável, e seu primeiro e maior empreendimento inconsciente nesta tarefa, é a religião. Entre os papéis fundamentais das religiões, estaria primeiramente exorcizar os terrores da natureza, em seguida reconciliar o ser humano com o *Destino*, e por último fazer justiça, compensar seus sofrimentos e privações na vida - essas três atribuições aos deuses remontam a origem do fenômeno religioso.

Ao longo do desenvolvimento humano pôde-se observar também diferentes etapas da transformação da missão religiosa, ao tempo que a natureza ganha mais autonomia dos deuses. Começou-se a perceber que o regimento da natureza dar-se-ia de acordo com suas próprias necessidades internas, e que o Destino, enquanto *desígnios inescrutáveis* dos deuses para os seres humanos, seria um fato insondável, impossível de ter seu curso mudado – essas duas características, haveriam de ser funções delegadas pelos deuses a natureza, e assim o domínio divino se imporia em seu último atributo, a justiça. Seu olhar é direcionado para vigilância e julgamento, para o modo em que os seres humanos se relacionam, a regulação da moralidade dos indivíduos em seu segundo, cronologicamente, e agora talvez maior empreendimento, a civilização.

A fortaleza paliativa das religiões começa a ruir em seu fator constituinte, a reparação do *desamparo*, nos explica Freud (1930) que a ilusão de amparo religioso consistiria na depreciação da vida e na deformação da realidade, nos afixando em um estado de infantilismo psicológico e intimidação da inteligência, nos aprisionando em um delírio de massa. O delírio de massa apenas pouparia muitos indivíduos de uma neurose individual, mas não manteria a promessa inicial de reparação, à medida que se reconhece os *designios inescrutáveis* da divindade, estaríamos submissos incondicionalmente ao *desamparo*.

Todavia, o reconhecimento de que possivelmente nunca poderemos dominar a natureza por completo e nem muito menos o nosso organismo, justamente por ele próprio fazer parte da natureza e ter sua capacidade de adaptação e realização sempre limitada, isso não nos paralisaria. Ora, se tudo que tratamos aqui até agora acerca do *desamparo*, só é realizável a partir dele, e conseqüentemente, nosso entendimento parte do seu desdobrar-se, estamos aqui diante não só de uma condição de existência, mas principalmente de um condicionante de vida.

Fonte de sofrimento fundamental, o *desamparo* é a pedra angular da civilização, fundação erguida como um refúgio, quase uterino. Nas palavras de Freud (1930):

(...) ‘civilização’ descreve a soma integral das realizações e regulamentos que distinguem nossas vidas das de nossos antepassados animais, e que servem a dois intuítos, a saber: o de proteger os homens contra a natureza e o de ajustar os seus relacionamentos mútuos. (FREUD, 1930, p.109)

Mas, algo escapa a ordem civilizatória, a contragosto dos próprios, os indivíduos não são meramente seres *gentis* que desejam ser apenas amados e que somente poderiam atacar como defesa a outro ataque, diferentemente disto, um alto poder de agressividade lhe parece inerente, e seu símile não estaria como apenas um ajudante em potencial ou objeto sexual, mas também como alguém a ser explorado sem compensação, utilizado sem consentimento, apoderado, humilhado, torturado, morto – o outro é alguém que lhes tenta a causar sofrimento, a satisfazer sua agressividade.

A evolução da civilização é descrita por Freud (1930) como uma luta da espécie humana pela vida, constituída em um processo especial:

(...) a civilização constitui um processo a serviço de Eros, cujo propósito é combinar indivíduos humanos isolados, depois famílias e, depois ainda, raças, povos e nações numa única grande unidade, a unidade da humanidade. Porque isso tem de acontecer, não sabemos; o trabalho de Eros é precisamente este. Essas reuniões de homens devem estar libidinalmente ligadas umas às outras. A necessidade, as vantagens do trabalho em comum, por si sós, não as manterão unidas. Mas o natural

instinto agressivo do homem, a hostilidade de cada um contra todos e a de todos contra cada um, se opõe a esse programa da civilização. Esse instinto agressivo é o derivado e o principal representante do instinto de morte, que descobrimos lado a lado de Eros e que com este divide o domínio do mundo. Agora, penso eu, o significado da evolução da civilização não mais nos é obscuro. Ele deve representar a luta entre Eros e a Morte, entre o instinto de vida e o instinto de destruição, tal como ela se elabora na espécie humana. (FREUD, 1930, p. 145)

O desenvolvimento dos indivíduos apareceria como o produto da interação entre duas premências, uma no sentido da felicidade, a egoísta, e outra no sentido da união com os outros da comunidade, a altruísta. O indivíduo daria ênfase ao seu sentido pulsional, do prazer, da felicidade; e a outra premência de ordem cultural, poderia apenas impor restrições. Porém, no processo civilizatório o objetivo principal é dado pela criação de uma unidade a partir dos indivíduos em comunidade, e a felicidade individual ficaria em segundo plano, quase como um obstáculo.

Nessa luta somos todos culpados pelo possível insucesso da civilização, viver implicaria diretamente em culpa. A agressividade é civilizada ao tempo que é internalizada, dirigida para o Eu do indivíduo, lugar de onde veio. Parte do Eu a assumiria, e se colocaria contra o restante, sob a forma de consciência, o Supereu. Por sua vez, o Supereu direcionaria a, agora sua, agressividade pra o Eu, essa tensão instaura o sentimento de culpa. Entramos agora como sublinha Freud (1930), no ponto mais doloroso de toda a civilização, a tentativa terapêutica de lidar com o maior estorvo à civilização, a saber a inclinação inerente e constitutiva dos seres humanos para a agressividade mútua, estamos no campo da ética (Freud, 1930).

Contudo, a principal ameaça à civilização é o fator humano que a ergue, o esforço civilizatório parece exigir um sacrifício pulsional muito grande ao indivíduo, e o mesmo passa a ser iminentemente perigoso a sua desintegração. Com as imposições sociais de renúncia à sua sexualidade e agressividade torna-se difícil que o indivíduo civilizado seja feliz, na realidade, uma civilização para constituir-se como tal, abriria mão de uma considerável parcela de possibilidades de felicidade, em troca por outras possíveis de proteção (Freud, 1930).

3. CONCLUSÃO

Finalizamos o nosso esforço investigativo acerca da construção do conceito de *desamparo*, a partir da identificação de três momentos fundamentais da forja do mesmo na obra freudiana, e é sobre estes que nos debruçaremos.

Primeiramente no *Projeto para uma psicologia científica* (1985) texto renegado por Freud, mas de indispensável importância para o entendimento das questões que o levam até a formulação de sua metapsicologia, podemos conceber a gênese do desamparo primordial, o físico e motor do infante ao nascer, a prematuração biológica humana. A criança é incapaz de realizar uma descarga de energia endógena sem que uma *ação específica* seja promovida no mundo externo, ela necessita de uma *ajuda alheia* de um símile com maior experiência para cumprir as *exigências de vida* que lhe são inerente. Em outras palavras, o ser humano demanda amparo a um outro, essa ideia desagua anos depois em *A interpretação dos sonhos* (1900), onde de forma mais arrojada, Freud demonstra que por intermédio de uma *ajuda alheia* seria possível chegar a uma *vivência de satisfação*, e todas as vezes posteriores em que uma necessidade se imponha enquanto um aumento de excitação, existirá uma moção psíquica que reevocará a *imagem mnêmica* da primeira experiência de satisfação, e conseqüentemente, a falta de uma nova *vivência de satisfação* instauraria na criança o seu desamparo psíquico. Portanto, temos aqui um primeiro momento do *desamparo*, o instante da formação do que chamaremos de sua “imagem”, composta tanto pelo aspecto biológico de incapacidade como pelo psicológico de falta, o *desamparo* enquanto uma imanência do ser.

Passemos agora para *Inibições, sintomas e ansiedade* (1926), os perigos do mundo externo nos defrontam com a possibilidade de uma experiência de não satisfação semelhante a perturbação econômica de estímulos do nosso nascimento, a expectativa de sua repetição produz novamente uma angústia, dessa vez experienciada como um protótipo da situação traumática, como uma reação original ao *desamparo*, como um sinal de perigo. Estamos aqui diante do que elencamos como sendo o segundo momento da constituição do *desamparo* na obra freudiana, o que definiremos como “reflexo” da imagem de desamparo imanente, um estado de iminência.

O *desamparo*, portanto, insiste em nos infligir e a se inscrever na existência humana, neste último momento sob o signo do Destino, a soma de tudo aquilo que está para além dos nossos poderes, o qual não controlamos, nem dominamos. O que seria um instante da nossa

imanência, passou a ser um estado iminente de perigo e agora é a nossa própria condição. Partimos de *O futuro de uma ilusão* (1927) até *O mal-estar na civilização* (1930) para melhor elucidar que o *desamparo* é insuportável e precisa ser reparado, temos o desejo de ser amparados. A ilusão da reparação do *desamparo* nos recoloca frente à ele, perante os *desígnios inescrutáveis* dos deuses. Porém, a condição do *desamparo* não parece nos paralisar, e todos os nossos esforços se voltam para a construção de um amparo que torne o *desamparo* ao menos tolerável, a saber, a civilização. Chegamos no terceiro e último momento do *desamparo* em Freud, o empreendimento frustrado humano em sua reparação, o que nomearemos de “sombra” do *desamparo*, sua tentativa de transcendência, o *mal-estar*.

Em nosso percurso até aqui, foi-nos possível observar que o termo *desamparo* atravessa os escritos freudianos na posição de justificar o lugar do inominável, do primevo, de algo que antecederia a própria linguagem. Embora tenha seu surgimento ligado a prematuração natural da nossa espécie e a características concretas de fundo biológico, poder-se-ia apenas apreendê-lo enquanto conceito a partir de suas articulações clínicas – como associado as ideias de *trauma*, *angustia* e *mal-estar*. Ideias estas que pontuamos, mas propositalmente não nos detemos com maior empenho, justamente como modo de promover a dimensão do *desamparo* como central neste trabalho, que por nós é compreendida pela contemplação dos três momentos supracitados e do reconhecimento da trajetória clínica de Freud em seu estabelecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIRMAN, Joel. **A dádiva e o outro**: sobre o conceito de desamparo no discurso freudiano. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/physis/v9n2/02.pdf>>. Acesso em: 19 de abril de 2016.

FREUD, Sigmund. **Um caso de cura pelo hipnotismo** [1892-93]. In: _____. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, vol. I, 1977, P.183.

_____. **Projeto para uma psicologia científica** [1895]. In: _____. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, vol. I, 1977, P. 421-422.

_____. **A interpretação dos sonhos** [1900]. In: _____. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, vol. IV, 1977.

_____. **Totem e tabu** [1913]. In: _____. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, vol. XIII, 1977.

_____. **Para além do princípio do prazer** [1920]. In: _____. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, vol. XVIII, 1977, P.176.

_____. **Psicologia de grupo e análise do ego** [1921]. In: _____. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, vol. XVIII, 1977, P.176.

_____. **Inibições, sintomas e ansiedade**[1926]. In: _____. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, vol XX, 1977, P.23.

_____. **O futuro de uma ilusão** [1927]. In: _____. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, vol. XXI, 1977, P.28-29.

_____. **O Mal-estar na civilização** [1930]. In: _____. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, vol.XXI, 1977, P. 129-145.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário da psicanálise**. Tradução de Pedro Tamen. São Paulo: M. Fontes, 1994, P.39.

MACÊDO, Kátia Barbosa. **O desamparo do indivíduo na modernidade**. Disponível em: <<http://www.uff.br/periodicoshumanas/index.php/ecos/article/view/742>>. Acesso em: 1 de abril de 2016.

MEZAN, Renato. **Freud: A Trama dos Conceitos**. Editora Perspectiva: São Paulo, 1991.

PEREIRA, Suelena Werneck. **Desamparo e sublimação**: uma proposta metapsicologia. *Psychê: Rev. Psicanálise*, São Paulo, n.5, 2000.